

CASA D. BOSCO
PARADA DOS PRAZERES
LISBOA-3 — PORTUGAL



Sacerdote JOÃO DE MOURA PIRES

Queridos Irmãos,

Apanhado de surpresa e vivamente impressionado com a dolorosa notícia da morte repentina do saudoso P. João de Moura Pires, Director da Escola Profissional de Santa Clara de Vila do Conde, saí-me espontânea dos lábios a clássica expressão do paciente Job, como resposta às tribulações que o Senhor lhe tinha enviado: «o Senhor o deu, o Senhor o tirou; como foi do agrado do Senhor, assim sucedeu: bendito seja o nome do Senhor». (Job, 1, 2).

Tinha participado activamente nos laboriosos dias do Capítulo Provincial, de 7 a 15 do mês de Abril. Ninguém podia prever a perda tão repentina de uma vida preciosa inteiramente dedicada ao serviço de Deus e das almas.

Na manhã de 29 de Abril não apareceu no confessionário à hora do costume, como fazia há muitos anos, para atender os fiéis que tanto apreciavam a sua direcção espiritual e celebrar para eles a santa missa, a tempo de irem para as ocupações matutinas. A sua falta foi notada pelos salesianos. Bateram à porta do seu quarto e como não tivessem obtido resposta alguma, entraram imediatamente e encontraram o querido P. Director imóvel, pálido, frio

e sem vida. O seu grande coração deixou de palpitar durante a noite, para ir receber das mãos de Deus o prémio prometido ao «servo bom e fiel».

Quando a Vinha do Senhor está a perder diariamente tantos braços que voluntariamente se recusam a trabalhar pela expansão do Reino de Deus, (pobres trânsfugas sem horizontes e sem ideais!) causa uma dor ainda mais profunda e bem mais legítima, ver cair prostrados no campo de batalha estes fiéis servidores da Igreja que nunca se recusaram à fadiga e tudo fizeram para a tornar cada vez mais bela, mais compacta e mais evangélica.

O seu funeral foi a expressão viva do muito que lhe queriam salesianos, alunos, antigos-alunos, cooperadores e amigos.

Nas cerimónias dos ofícios e missas exequiais celebradas em Vila do Conde e na freguesia de Pinho, tomaram parte mais de 60 sacerdotes salesianos, seculares e religiosos. Foi um verdadeiro plebiscito de exaltação à modéstia de um homem que tudo sacrificou para que Deus fosse mais conhecido e amado.

No humilde cemitério da terra natal, onde ficou sepultado por vontade expressa da família, os seus despojos mortais esperam pela glória da ressurreição final.

Filho de António José Pires, falecido exactamente 7 meses antes, e de Florinda da Conceição Alves de Moura falecida 3 semanas depois, nasceu o P. João de Moura Pires a 24 de Janeiro de 1912, na freguesia de Pinho, distrito e Diocese de Vila Real.

Foi no seio da sua família profundamente cristã que surgiram os germes da vocação religiosa e sacerdotal na alma deste futuro salesiano.

Durante três anos foi aluno diocesano do Seminário do Sagrado Coração de Jesus de Poiares da Régua, que então funcionava como seminário de preparatórios da incipiente Diocese de Vila Real e ao mesmo tempo como aspirantado salesiano.

Completou em Braga os preparatórios, onde fez também o Curso de Filosofia.

Foi nesta altura que ele se encontrou diante de uma difícil encruzilhada: ou ser sacerdote secular ou sacerdote salesiano. E foi também nesta altura que ele se decidiu a consagrar a vida inteira na Congregação Salesiana.

Os três anos passados em Poiares da Régua, em contacto com os dois grandes educadores e formadores de almas sacerdotais, os irmãos de sangue, P. Agostinho e P. Paulo Colussi, já falecidos, deixaram um sulco profundíssimo na sua alma generosa, e fizeram despertar no seu coração o germe precioso da vocação salesiana.

Fez o aspirantado no Oratório de S. José de Évora, onde exerceu os cargos de assistente e professor no ano lectivo de 1932-1933.

Passou o ano do Noviciado no Estoril, tendo tido como Mestre muito apreciado o P. Hermínio Rossetti, veneranda relíquia do tempo de S. João Bosco, que ainda vive entre nós, e continua a dar-nos um grande testemunho de autêntica vida salesiana, apesar dos seus 96 anos.

Emitiu os primeiros votos no Estoril no dia 15 de Setembro de 1934, nas mãos do saudoso P. Domingos Cerrato, então Visitador das Casas Salesianas de Portugal.

Passou os três anos de tirocínio na Escola Salesiana do Estoril, onde realizou um trabalho educativo de grande valor, no meio dos alunos pobres das classes primárias e do Oratório Festivo.

Homem espiritual — É talvez esta característica a que mais brilha e sobressai na figura moral do nosso defunto. Era na oração que ele encontrava a solução de tantos problemas difíceis, que encontrava a calma e a paciência perante as contrariedades e que descobria o segredo para se manter inalterado e inalterável na sua já longa carreira de educador salesiano.

Nisto, como no resto, não fez mais do que calcar as pegadas do nosso Santo Fundador, o qual, a quem se mostrava descoroçado pelas dificuldades, dizia com o sorriso nos lábios: «descansaremos no Paraíso».

Estou certo que ele mereceu o prémio eterno com a sua vida toda consagrada ao serviço de Deus. Contudo rezemos pelo descanso eterno da sua alma.

Penso neste momento em todos os antigos-alunos que o conhecerão, que o amaram com verdadeiro afecto. Penso nos muitos benfeiteiros, cooperadores e amigos que lhe são devedores de uma eterna amizade pelo bem espiritual que ele semeou nas suas almas. Mas verifico que, se por onde ele passava deixava amigos e criava simpatias, não era por causa de exibicionismos sem sentido, nem pela sabedoria das coisas humanas, «mas na manifestação do espírito e da virtude de Deus» (I Cor. 2, 4), porque ele sabia muito bem que a sabedoria da carne é inimiga de Deus... e os que vivem segundo a carne, não podem agradar a Deus» (Rom. 8, 7 e 8).

Meus bons irmãos: Não sejamos insensatos como aqueles que fogem de pensar na morte, porque a consideram uma realidade importuna e negativa na vida do homem moderno. Acaso não foi por meio da morte do Filho de Deus que todos os homens foram reconciliados com Deus? Ninguém se atreverá a chamar à morte uma realidade negativa perante a eloquência do passamento inesperado do nosso Irmão defunto, que foi uma solene pregação que deixou em todos nós as mais salutares impressões, visto estarmos certos de que ele não está morto, mas vive no Seio de Deus.

Sabendo, no entanto, que a Justiça de Deus é infinita como o Seu Amor, e que Ele descobre pequenas manchas nos seus próprios Anjos, sejamos generosos em sufragar a alma do nosso querido Irmão falecido e em pedir para os que ainda peregrinamos neste mundo, a inteligência e a força de vontade necessárias para compreendermos e querermos sómente o que pode concorrer para a nossa felicidade presente e futura.

As vossas orações encomendo com muito empenho as necessidades desta Província, sobretudo a graça inestimável da perseverança religiosa para os que Nosso Senhor chamou para o seu serviço na Família de D. Bosco, que na terra portuguesa encontra um campo fertilíssimo de actividades apostólicas e missionárias.

Lisboa, 24 de Maio de 1969.

P. BENEDITO NUNES
Provincial

Dati per il necrologio:

Sac. Pires Giovanni, nato a Pinho (Vila Real); morto a Vila do Conde, il 29 Aprile 1969, a 57 anni di età.

Compreendeu e viveu em 'plenitude o sistema preventivo de D. Bosco, e demonstrou à saciedade que estava plenamente convencido da sua maravilhosa eficácia. Por isso foi assistente assíduo, mesmo como director. A sua presença, porém, era a de um pai, de um amigo, de um autêntico educador salesiano! Exemplo acabado, também neste capítulo.

Tinha um exacto sentido da importância da vida da graça na alma dos alunos. Era esta delicadeza de consciência que fazia dele um homem austero consigo mesmo e sempre desejoso de que tudo na comunidade corresse pelo melhor.

Zelo apostólico e sacerdotal — Amigo sincero das almas, procurava sempre o seu maior bem espiritual, dedicando-se com assiduidade ao ministério das confissões, sempre que o tempo lho permitia. Inúmeras pessoas acorriam a ele como a um mestre seguro nos caminhos da vida espiritual. No seu conselho inspirado encontravam orientação acertada para a vida.

Durante anos foi sempre o primeiro a levantar-se na comunidade, para se pôr logo à disposição dos fiéis na bela e clássica Igreja de Santa Clara, (a Igreja do Colégio), apesar do frio, da humidade e das intempéries. O seu organismo débil devia ter acusado pouco a pouco, neste desgaste contínuo, as consequências de tanta actividade.

Disciplina religiosa — Pontual e exigente consigo mesmo, de uma ascética pessoal a toda a prova, equilibrado nos seus juízos e decisões, foi um perfeito modelo de vida religiosa, pregando mais com o exemplo do que com a palavra.

Soube ser religioso segundo o espírito das Constituições e incarnou na vida as lições e exemplos recebidos dos muitos superiores que conheceu através do seu «curriculum» salesiano.

Sentia muito, embora não o exteriorizasse abertamente, a falta de coerência, de cumprimento do dever e de amor à Santa Regra, por parte das almas consagradas. Foi um verdadeiro «Homem de Deus».

No meio da dor em que a sua morte nos veio mergulhar, esta certeza traz-nos um grande alívio e leva-nos a declarar com verdade: «defunctus, adhuc loquitur» — «apesar de morto, continua a falar».

Homem de estudo, sempre actualizado — Aluno distinto no Curso Teológico, podia ter-se especializado em Direito Canónico, como foi desejo dos Superiores de Turim, mas a falta de pessoal por um lado, e a humilde aceitação das decisões dos superiores imediatos, por outro, não lhe consentiram alcançar tal objectivo.

Sabendo, porém, o valor da cultura em ordem à vida de apostolado, o P. João de Moura Pires era um homem actualizado como poucos, sempre ao par de todos os movimentos ideológicos do mundo, sempre desejoso de representar com dignidade a Igreja e a Congregação, de que se sentia filho dedicado.

Lia muito, tomava muitos apontamentos e preparava-se cada vez melhor para desempenhar com fruto a sua missão de sacerdote.

Quando tinha chegado a uma maturidade completa como educador e sacerdote, quando a nossa Província, tão carecida de pessoal, tinha tanto a esperar ainda dele como guia e como mestre espiritual, foi então que a Irmã Morte o veio buscar em pleno e eficiente exercício do seu cargo de director.

Podemos dizer, com a frase tradicional e eloquente de todos conhecida, que caiu mesmo na brecha.

Na capela de D. Bosco, em Valdocco, emitiu os votos perpétuos nas mãos do P. Pedro Tirone.

No estudantado Teológico de Monteortone, Italia, fez o Curso Teológico.

Devido a ter rebentado a 2.ª guerra mundial na Europa, por uma concessão especial da Santa Sé foi ordenado sacerdote no fim do terceiro ano de teologia, em 1940.

Terminado o 4.º ano, regressou a Portugal e foi-lhe destinada para seu campo de acção, a Casa Salesiana do Estoril, onde já tinha vivido quatro anos como noviço e como tirocinante.

Durante quase três anos consecutivos trabalhou com muito zelo no meio dessa juventude tão receptiva, cativando não só a estima dos pequenos e das famílias, mas igualmente o respeito dos benfeiteiros que então seguiam muito de perto o germinar daquela pequena semente que se transformou na grande Escola Salesiana actual que conta hoje mais de mil alunos.

Convidado em 1943 para fazer parte da primeira expedição missionária de salesianos para Cabo-Verde, aceitou generosamente o convite. Embora a sua saúde não fosse a melhor, aí se dedicou durante seis anos a um labor apostólico próprio dos grandes missionários.

Quantos não recordam ainda, na Ilha de S. Nicolau, a figura pálida, mas serena e digna, do nosso querido e chorado P. Pires! Pude vêrificá-lo pessoalmente na recente visita que fiz a essa Ilha no ano passado, por ocasião da ordenação sacerdotal e missa-nova do P. Bernardo Soares, segundo sacerdote salesiano natural dessa terra onde tanto trabalharam os filhos de D. Bosco.

Durante o ano lectivo de 1949-1950 desempenha o papel de catequista na Escola Profissional de Santa Clara de Vila do Conde, na mesma casa onde o Anjo da Morte deveria vir buscá-lo 20 anos mais tarde.

De 1950 até à sua morte desempenha sucessivamente o cargo de Director em Vila do Conde (4 anos), no Estoril (3 anos), no Colégio de Nossa Senhora da Graça, Porto (6 anos) e de novo em Vila do Conde (6 anos incompletos).

Foi neste campo de trabalho, tão querido ao seu coração de sacerdote verdadeiramente apostólico que ele deu o melhor das suas forças, pois aqui passou 11 anos.

Prestou ainda o seu valioso contributo no governo da Província como Conselheiro durante 6 anos.

Não é fácil delinejar em breves traços a grande figura do nosso extinto.

Dada a brevidade requerida por uma simples carta mortuária, vamos focar apenas algumas facetas mais características e apontá-las à consideração e imitação dos que ainda peregrinamos nesta terra.

Dentre as muitas virtudes de que era possuidor, quer humanas, quer sacerdotais, quer religiosas, falaremos apenas das que nos pareceram mais sólidas.

Espirito de trabalho — Dotado de uma constituição física assaz débil, foi, apesar disso, um grande trabalhador que nunca conheceu o que era o descanso. E a prova está na dignidade, na exactidão e no empenho que sempre pôs no cumprimento dos cargos de responsabilidade que ocupou durante tantos anos, sempre bem disposto e exemplar em tudo.

Quando, no desempenho do seu cargo se deslocava a Lisboa, fazia-o com o mínimo dispêndio de tempo útil: viajava sempre de noite. Preocupava-o muito a vida da comunidade. Tinha um profundo sentido das responsabilidades e não queria que, por sua culpa ou descuido, surgissem na comunidade educativa inconvenientes, que depois seria difícil ou até impossível remediar.

